

**GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA
(ORGANIZADORA)**



**CULTURA,
RESISTÊNCIA E
DIFERENCIAÇÃO
SOCIAL 2**

Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

Cultura, Resistência e Diferenciação Social 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C968	Cultura, resistência e diferenciação social 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Cultura, Resistência e Diferenciação Social; v.2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-524-2 DOI 10.22533/at.ed.242190908 1. Antropologia. 2. Identidade cultural. 3. Resistência cultural. I.Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série. CDD 306
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Cultura, Resistência e Diferenciação Social – Vol. 2” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos. A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espaço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica

aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“OS SERTÕES”, CANUDOS E CONSELHEIRO: NEM TUDO É POSITIVISMO	
Izaias Geraldo de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.2421909081	
CAPÍTULO 2	18
A PERSONALIDADE DE UM POVO, O TANGO E A SUA MEMÓRIA	
Daiane Glaucia de Oliveira	
Samuel Klauck	
DOI 10.22533/at.ed.2421909082	
CAPÍTULO 3	26
A TEORIA DA REVOLUÇÃO DO P.C.B.: OCTÁVIO BRANDÃO, A ALIANÇA DE CLASSES E O FEUDALISMO (1922-1935)	
Danilo Mendes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2421909083	
CAPÍTULO 4	43
ANTROPOLOGIA E MODA: REFLEXÕES SOBRE A REDE DE CRIADORES E CRIADORAS DE SALVADOR	
Luana Nascimento Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.2421909084	
CAPÍTULO 5	54
“APRENDI COM MINHA MÃE”: O CONHECIMENTO TRADICIONAL NO TRATAMENTO DE ALGUMAS DOENÇAS EM TRÊS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO RIO GRANDE DO SUL	
Adelmir Fiabani	
DOI 10.22533/at.ed.2421909085	
CAPÍTULO 6	72
ARTE, CULTURA E MEMÓRIA NO PENSAMENTO DE FRIEDRICH NIETZSCHE	
Danilo Morae Lobo	
Auterives Maciel Jr	
DOI 10.22533/at.ed.2421909086	
CAPÍTULO 7	81
CABARÉ DA RRRRRAÇA: O RECURSO DO RISÍVEL COMO METÁFORA DO ENTRE -LUGAR	
Gildete Paulo Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.2421909087	
CAPÍTULO 8	90
COMUNIDADES TRADICIONAIS E A CONSERVAÇÃO DA FLORESTA: UM OLHAR SOBRE A COMUNIDADE VILA FRANCA, RESEX TAPAJÓS-ARAPIUNS, PARÁ, BRASIL	
Marcos Diones Ferreira Santana	
Emeli Susane Costa Gomes	
Luciana Edilena Santos Guimarães	
Ana Daiane Lopes Costa	
Jarlei Dominique Souza da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2421909088	

CAPÍTULO 9	101
MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO E CULTURA JAPONESA DA UFRGS E O POEMA HAICAI: EM PROL DA DIFUSÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL À SOCIEDADE LOCAL	
Tomoko Kimura Gaudioso	
DOI 10.22533/at.ed.2421909089	
CAPÍTULO 10	105
NACIONALISMO SOCIAL, CORPORATIVISMO FASCISTA E “AUTORITARISMO INSTRUMENTAL” NO PENSAMENTO DE OLIVEIRA VIANNA	
Fabio Gentile	
DOI 10.22533/at.ed.24219090810	
CAPÍTULO 11	117
O NEORREALISMO E O CICLO BAIANO DE CINEMA: A CONFIGURAÇÃO DE UM IDEÁRIO ÉTICO-ESTÉTICO NA BAHIA NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960	
Euclides Santos Mendes	
Milene de Cássia Silveira Gusmão	
DOI 10.22533/at.ed.24219090811	
CAPÍTULO 12	127
PONTOS DE CULTURA DO LITORAL NORTE E AGRESTE BAIANO E OS NOVOS PARADIGMAS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS	
Tárcio Leonardo Santos Mota	
DOI 10.22533/at.ed.24219090812	
CAPÍTULO 13	135
SABERES E HISTÓRIAS DAS BENZEDEIRAS NO LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL	
Ana Paula Danielli	
André Boccasius Siqueira	
DOI 10.22533/at.ed.24219090813	
CAPÍTULO 14	142
SENSIBILIDADES DO LEMBRAR E DO ESQUECER NOS CORDÉIS-MEMÓRIA DE JARID ARRAES	
Fernanda Santos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.24219090814	
CAPÍTULO 15	152
TORÉ, UM DUETO DE FORÇAS QUE REÚNE POVOS ANCESTRAIS	
Elizabete Costa Suzart	
DOI 10.22533/at.ed.24219090815	
CAPÍTULO 16	164
TROPICALISTAS: OUSADIAS EM NOITES DE <i>HAPPENINGS</i> E COMUNICAÇÕES INTERROMPIDAS	
Givanildo Brito Nunes	
Edson Silva de Farias	
DOI 10.22533/at.ed.24219090816	

CAPÍTULO 17	175
UMA INTERPRETAÇÃO DA RELIGIOSIDADE LUSO-BRASILEIRA NA PERSPECTIVA PSICOSSOCIAL DE RUDOLF OTTO	
Michel Kobelinski	
DOI 10.22533/at.ed.24219090817	
SOBRE A ORGANIZADORA	196
ÍNDICE REMISSIVO	197

COMUNIDADES TRADICIONAIS E A CONSERVAÇÃO DA FLORESTA: UM OLHAR SOBRE A COMUNIDADE VILA FRANCA, RESEX TAPAJÓS-ARAPIUNS, PARÁ, BRASIL

Marcos Diones Ferreira Santana

Universidade Federal do Oeste do Pará, Faculdade de Ciências Biológicas, Instituto e Ciências e Tecnologias das Águas, Santarém-Pará

Emeli Susane Costa Gomes

Universidade Federal do Oeste do Pará Faculdade de Engenharia Florestal, Instituto de Biodiversidade e Florestas, Santarém-Pará

Luciana Edilena Santos Guimarães

Universidade Federal do Oeste do Pará, Faculdade de Ciências Biológicas, Instituto e Ciências e Tecnologias das Águas, Santarém-Pará

Ana Daiane Lopes Costa

Universidade Federal do Oeste do Pará, Faculdade de Ciências Biológicas, Instituto e Ciências e Tecnologias das Águas, Santarém-Pará

Jarlei Dominique Souza da Silva

Universidade Federal do Oeste do Pará, Faculdade de Gestão Pública e Desenvolvimento Regional Instituto de Ciências da Sociedade Santarém-Pará

RESUMO: Diante da crescente crise ambiental gerada pelo uso indiscriminado dos recursos naturais, é imprescindível rever os métodos de uso das florestas. Nesse aspecto, as comunidades tradicionais podem ser bons modelos para estudo sobre sustentabilidade e manutenção da floresta. Esse estudo relata o uso de recursos florestais não madeiros pela comunidade tradicional Vila Franca,

localizada na Reserva Extrativista (RESEX) Tapajós-Arapiuns, Oeste do estado do Pará, para produção de artesanato e manutenção da cultura nativa. Observações *in loco* foram realizadas e entrevistas abertas foram obtidas quanto à coleta e uso dos resíduos vegetais. As sementes são os recursos mais acessados da floresta devido a sua resistência e abundância. As coletas são realizadas em trilhas pré-existentes e acompanham o ciclo de reprodução das plantas. O banco de sementes é respeitado e a manutenção de plântulas jovens é realizada para garantir o ciclo de reprodução das espécies de interesse. As sementes mais requeridas pertencem às famílias Poaceae como a espécie *Coix lacryma-jobi* L. também conhecidas como lágrimas-de-Nossa-Senhora e Arecaceae (palmeiras) como *Euterpe* sp. (açai), *Astrocaryum* ssp. (tucumã) e *Attalea* ssp. (inajá), por serem rígidas e resistentes ao armazenamento. Cada peça pode conter até 100 sementes e algumas acompanham complementos como o *Muiraquitã* [muyrakyatã (do Tupi, rã)], representação da natureza. Estas são processadas, recebem acabamento artístico (biojoias) e posteriormente comercializadas. Comunidades como Vila Franca, vivem da floresta e são importantes agentes no manejo sustentável, principalmente na Amazônia, onde além da manutenção de suas culturas e crenças, contribuem para a conservação da

biodiversidade.

PALAVRAS-CHAVE: artesanato; biodiversidade; recursos naturais; saber popular.

TRADITIONAL COMMUNITIES AND FOREST CONSERVATION: A LOOK AT VILA FRANCA COMMUNITY, RESEX TAPAJÓS-ARAPIUNS, PARÁ, BRAZIL

ABSTRACT: Before the growing environmental crisis generated by the indiscriminate use of natural resources, it is indispensable to review the methods of forest use. In this aspect, traditional communities can be good patterns for the study of sustainability and forest maintenance. This study reports the use of non-timber forest resources by the traditional community Vila Franca, located in the Reserva Extrativista (RESEX) Tapajós-Arapiuns, in the western of Pará state, for the production of handicrafts and maintenance of native culture. On-site observations were made and open interviews were obtained regarding the collection and use of plant residues. Seeds are the most accessed resources of the forest because of their resistance and abundance. The collections are carried out on pre-existing tracks and follow the reproduction cycle of the plants. The seed bank is respected and the maintenance of young seedlings is performed to ensure the reproduction cycle of the species of interest. The most requested seeds belong to the families Poaceae as the species *Coix lacryma-jobi* L. also known as lágrimas-de-Nossa-Senhora and Arecaceae (palm trees) as *Euterpe* sp. (açai), *Astrocaryum* ssp. (tucumã) and *Attalea* ssp. (inajá), because they are rigid and resistant to storage. Each piece can contain up to 100 seeds and some accompany complements such as Muiraquitã [muyrakytãs (Tupi, frog)], representing nature. These are processed, receive artistic finishing (bio jewels) and later they're commercialized. Communities such as Vila Franca, depend on the forest and are important agents in sustainable management, especially in the Amazon, where, in addition to maintaining their cultures and beliefs, they contribute to the conservation of biodiversity.

KEYWORDS: handicrafts; biodiversity; natural resources; popular knowledge.

1 | INTRODUÇÃO

A crise ambiental, a universalização da consciência ecológica e a revolução tecnológica deste século exigem das sociedades modernas uma nova estratégia de uso dos recursos naturais mais compatíveis com as tendências da sustentabilidade (FRANÇA, 2004). Esse pensamento crítico torna o tema Biodiversidade um dos mais relevantes na atualidade, especialmente por sua relação com o funcionamento dos ecossistemas e serviços ambientais e ecossistêmicos (HOOPER et al., 2005, CALIMAN et al., 2010), assim como pela potencialidade de uso das espécies em bioprodutos (ALBAGLI 1998; ODALIA-RÍMOLI et al., 2000).

A Amazônia brasileira, que ocupa mais de 60% do território nacional (IBGE, 2003), abriga uma riqueza de recursos naturais e de biodiversidade é inestimável (OVERALL, 2001; RODRIGUES, 2005). Contudo, o processo histórico e tradicional

de ocupação dessa região tem levado a um aumento significativo do desmatamento (FEARNSIDE, 2003; ALENCAR et al., 2004; LAURANCE et al., 2004), estando na contramão do desenvolvimento sustentável.

Um modelo de conservação que requer maior atenção, diz respeito à intervenção das populações tradicionais em unidades de uso sustentável, que visam o uso dessas áreas para economia da população local tradicional (MARQUES, 2001). Tais sistemas de manejo estão fundamentados na cultura tradicional das populações amazônicas, que favorecem uma relação harmônica e sustentável com o meio natural (SILVA, 2015).

O princípio de sustentabilidade desenvolvido pelos povos tradicionais é oriundo do vasto conhecimento sobre a natureza e, principalmente, sobre as diferentes maneiras de utilizar os recursos disponíveis (MONTROYA-ESQUIVEL, 1998; MONTROYA et al., 2003). Esse conhecimento, adquirido ao longo das gerações, é de extrema importância às diversas áreas da ciência e etnociência (DIEGUES e ARRUDA, 2001; MARTÍNEZ-ALIER, 2007), devido à transmissão oral, a ampla ligação com o território habitado, os sistemas de produção voltados para a subsistência e o caráter econômico pré-capitalista (DIEGUES e PEREIRA, 2010).

Dentre as Unidades de Conservação (UCs) no estado do Pará, a Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns é uma das maiores UCs do Brasil, criada pelo Decreto s/nº de 06 de novembro de 1998, com área total de 647.610 hectares (BRASIL, 1998) e também uma das mais populosas, com cerca de 4.853 famílias e 23 mil habitantes (CEAPS, 2015). Os moradores são divididos e organizados em 74 comunidades, sendo Vila Franca uma das comunidades mais importantes da reserva devido a sua história e localização geográfica (CEAPS, 2012).

Considerando o número de comunitários vivendo na Resex Tapajós-Arapiuns, sobretudo em Vila Franca, onde o agroextrativismo é a atividade econômica principal da comunidade (CEAPS, 2012), se faz de grande importância identificar a matéria-prima, os produtos gerados e demonstrar a viabilidade do manejo sustentável como estratégia vantajosa na conservação. Dessa forma, nesse estudo, relata-se o uso de recursos florestais não madeireiros utilizados pela comunidade tradicional Vila Franca na produção de artesanato, sua forma de acesso à matéria prima e como os hábitos ajudam na conservação da floresta e na manutenção da cultura nativa.

2 | MATERIAL E MÉTODOS

A Reserva Extrativista (RESEX) Tapajós-Arapiuns está localizada a oeste do município de Santarém e a noroeste do município de Aveiro, no estado do Pará, Brasil, entre a margem esquerda do rio Tapajós e a margem direita do rio Arapiuns. As comunidades ribeirinhas da RESEX Tapajós-Arapiuns foram formadas a partir das aldeias resultantes das antigas missões de colonização portuguesa e antigos povos indígenas Tupaius ou Tapajós (MMA, 2008), Tupi-guaraní (MENÉNDEZ, 1981; ALMEIDA e NIEVES, 2015) e outras tribos que habitavam a região na época do contato

européu (OLIVEIRA, 2006).

Durante o mês de maio de 2016, realizaram-se expedições à comunidade tradicional Vila Franca (2° 21'0.70"S, 55° 1'45.52"W), componente da RESEX Tapajós-Arapiuns (Figura 1A), com auxílio de transporte fluvial, principal meio de deslocamento da comunidade (Figura 1B-C). Esta comunidade possui 78 Unidade familiares (UFs), sendo a mais antiga comunidade da Resex, inicialmente criada como missão-vila de Arapiuns em 1723 e elevada à categoria de cidade em 1758, a partir do processo de colonização europeia, sendo o nome atual uma homenagem à cidade portuguesa de Franca (CEAPS, 2012).

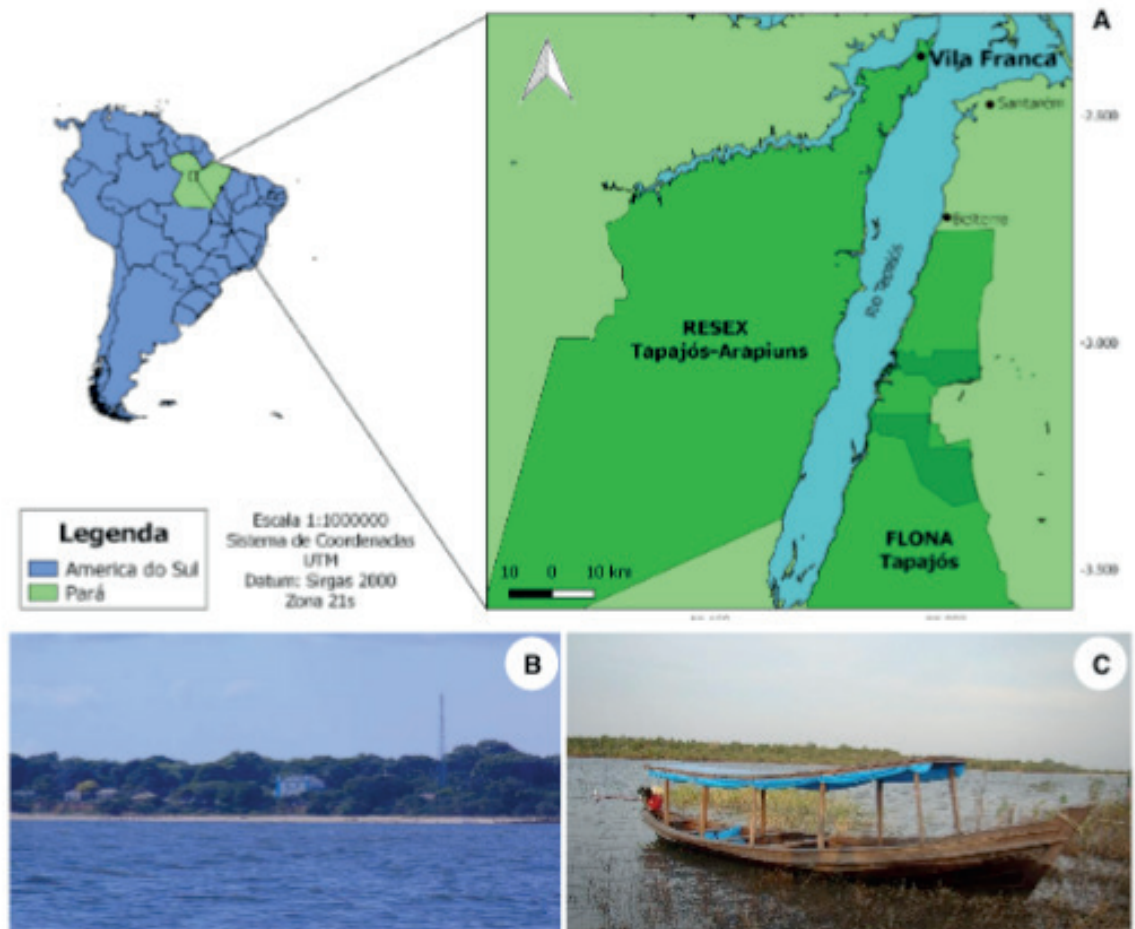


Figura 1. Áreas de estudo. A) Localização da Comunidade Vila Franca na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, PA; B) Vista frontal da comunidade; C) Principal meio de transporte dos comunitários.

Para coleta dos dados referentes ao uso dos recursos vegetais e o processo de fabricação dos artesanatos, foi utilizado o método de Estudo de Caso, pois segundo Mendes (2009), trata-se de um método de pesquisa de campo com o objetivo de explorar, explicar, avaliar e/ou transformar o objeto em estudo, examinando as interações entre as variáveis para prover o mais completo entendimento do caso em análise. Foram realizadas entrevistas abertas, assim como recomendado por Albuquerque et al., (2010), para observação do objeto em estudo e complementar o

olhar sobre a comunidade.

3 | RESULTADO E DISCUSSÃO

Assim como em outras comunidades tradicionais (SANTOS et al., 2003), a floresta no entorno de Vila Franca proporciona os meios de subsistência como alimentos, produtos medicinais, resinas, gomas, fibras, látex, além da madeira. De modo geral, o agroextrativismo é a atividade econômica principal da Comunidade Vila Franca, sendo que a maioria das famílias atuam na produção de farinha da mandioca, milho ou tapioca (CEAPS, 2012), produtos também utilizados na comercialização local.

Quanto ao uso de recursos da floresta, as sementes são os resíduos florestais não madeiros mais explorados, pois permitem a confecção de artesanatos para comercialização nos centros urbanos da região e aos visitantes na condição de turistas. Esse cenário também foi observado por Silva (2015) nas comunidades pertencentes à Floresta Nacional (FLONA) do Tapajós, em Belterra, e por Oliveira et al., (2014) para as comunidades da cidade de Altamira, ambas cidades paraenses.

Dos produtos confeccionados, consumidos e comercializados pelos comunitários de Vila Franca, estão inclusos os artesanatos utilitários oriundos totalmente da floresta como tipiti, paneiro e cesta de tucumã. As biojoias são os produtos de maior interesse, pois são provenientes da sociodiversidade, que conseqüentemente implicam na geração de renda e promovem na valorização das comunidades tradicionais. Na tabela 1, são mostradas as espécies vegetais, cujas sementes são as mais utilizadas na confecção de artesanato e biojoias, assim como são apresentados os nomes populares das espécies e o emprego nas peças produzidas.

Família/espécie	Nome popular	Destino
POACEAE		
<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	lágrimas-de-Nossa-Senhora	Colares; pulseiras
ARECACEAE		
<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Açaizeiro	Colares; pulseiras; brincos
<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.	Tucumãzeiro	Colares; aneis; pinjentes; brincos
<i>Attalea</i> ssp.	Inajá	Colares; aneis; pinjentes; brincos
<i>Maximiliana maripa</i> (Aubl.) Drude	Inajá	Colares; aneis; pinjentes; brincos

Tabela 1. Principais espécies utilizadas na confecção de artesanatos (biojoia) a partir de sementes na Comunidade Vila Franca.

As coletas são realizadas em trilhas e acompanham o ciclo de reprodução das plantas, uma das justificativas do grande conhecimento dos povos da floresta sobre a biodiversidade. O banco de sementes é respeitado e a manutenção de plântulas jovens é realizada para garantir o ciclo de produção das espécies. Essa compreensão exige determinadas habilidades cognitivas, entendimento e sincronia com a natureza (DIEGUES, 1993, 1994, 1997; BOURDIEU, 1999; DIEGUES et al., 2001).

Esse conhecimento mantém os índices de desmatamento em apenas 2% em relação aos 23,6% em áreas não protegidas dentro do mesmo estado da federação (FERRERIA et al., 2005), sendo uma das causas a relação de dependência com os recursos naturais (DIEGUES e FERERIA, 2010). Segundo Silva et al., (2007), as comunidade tradicionais se apropriam dos recursos florestais, baseados na reciprocidade com a natureza, percebendo o tempo ecológico das espécies para organizar o trabalho e continuar com a reprodução do modo de vida.

As sementes são selecionadas por sua rigidez e resistência ao armazenamento, além de apresentarem alta durabilidade. Estas são processadas manualmente, recebem acabamento artístico e são usadas em colares, pulseiras, brincos e anéis para posterior comercialização (Figura 2). Cada peça pode conter de uma a 100 sementes e algumas acompanham um amuleto como o Muiraquitã [muyrakytãs (do Tupi, rã)], representação da natureza, que atrai boa sorte e proteção a quem o possui e geralmente é esculpido ou entalhado em semente de tucumãzeiro.



Figura 2. Principais sementes utilizadas na produção de biojoias na comunidade de Vila Franca. A-C) Sementes de Lágrimas-de-Nossa-Senhora (*Coix lacryma-jobi* L.); D-F) Sementes de Açaí (*Euterpe oleracea* Mart.); G-I) Sementes de Inajá (*Attalea* spp.).

A produção de artefatos de remanescentes florestais, como as biojoias, se intensificou, contribuindo com até 2,8% do PIB nacional (RAMOS, 2013). Segundo Valle (2008), uma das vantagens da utilização de semente no artesanato decorre do fato de serem feitas de materiais pouco ortodoxos quando comparados com materiais sintéticos, podendo sofrer modificações em suas estruturas físicas como cortes, furos, polimento, desenhos, mudança na coloração, incrustações e entalhes. Essa atividade, em consonância com a floresta, indica as diversas formas de gerar o desenvolvimento econômico de uma localidade usufruindo conscientemente da natureza (ARIMA e BARRETO, 2002; SCHNEIDER et al., 2002).

Segundo Becker (2005), a utilização econômica da biodiversidade é a mais flagrante prioridade. A partir dessa premissa, é notório que a presença dos povos tradicionais na floresta amazônica é uma importante estratégia para conservação desse ecossistema como também discutido por Diegues (2000) e Silva (2015), além da difusão da cultura e conhecimento da diversidade local.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço natural apresenta-se imediatamente ao conhecimento dos povos da floresta como um lugar de permanente observação, pesquisa e reprodução de saberes culturalmente construídos. A partir do qual conclui-se que comunidades como Vila Franca, são importantes agentes no manejo sustentável na Amazônia, que além da manutenção de sua cultura, também contribuem com a conservação da floresta e, conseqüentemente, da biodiversidade.

Dessa forma, é preciso romper com o modelo de ocupação tradicional da Amazônia, pois o ordenamento Territorial através do Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE) pode ser uma solução para subsidiar as decisões de planejamento socioambiental e desenvolvimento econômico em bases sustentáveis em parceria com os povos da floresta. Com base nesses dados, não se pode encarar a Amazônia legal como uma região a ser explorada irracionalmente e sim, globalizar o modo de uso da floresta pelos povos tradicionais a fim de buscar meios mais sólidos de desenvolvimento social e sustentável.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S. **Da biodiversidade à biotecnologia: a nova fronteira da informação**. Revista Ciência da Informação. Vol. 27, n. 1, p. 7-10, 1998.

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. (orgs). **Métodos e Técnicas na pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. Núcleo de Publicações em Ecologia e Etnobotânica Aplicada**.

Recife, Brasil. 63 p., 2010.

ALENCAR, A.; NEPSTAD, N; MCGRATH, D; MOUTINHO, P; PACHECO, P; DIAZ, M.D.C.V; FILHO, B.S. **Desmatamento na Amazônia: indo além da emergência crônica.** Manaus, Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam), 89 p., 2004.

ALMEIDA, F.O.; NEVES, E.G. **Evidências arqueológicas para a origem dos Tupi-Guarani no leste da Amazônia.** Mana. Vol. 21, n. 3, p. 499-525, 2015.

ARIMA, E.; BARRETO, P. **Rentabilidade da produção de madeira em terras públicas e privadas na região de cinco florestas nacionais da Amazônia.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2002.

BECKER, B.K. **Amazônia: nova geografia, nova política regional e nova escala de ação.** In: **COY, M.; KOLHLEPPP, G. (coords.). Amazônia sustentável: desenvolvimento sustentável entre políticas públicas, estratégias inovadoras e experiências locais.** Rio de Janeiro: Garamond; Tübingen, Alemanha: Geographischen Instituts der Universität Tübingen, 232 p., 2005.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** Ciências Sociais – Estudos. São Paulo, Perspectiva. 361 p., 1999.

BRASIL. **Decreto N. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007.** Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, 7 de fevereiro de 2007.

BRASIL. **Decreto s/n 6 de novembro de 1998.** Cria a Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, nos Municípios de Santarém e Aveiro, no Estado do Pará, e dá outras providências. 1998.

CALIMAN, A.; PIRES, A.F.; ESTEVES, F.A.; BOZELLI, R.L.; FARJALLA, V.F. **The prominence of and biases in biodiversity and ecosystem functioning research.** Biodiversity Conservation. Vol. 19, p. 651-664, 2010.

CEAPS. **Almanaque da reserva extrativista Tapajós-Arapiuns: prazer em conhecer, Projeto Saúde e Alegria.** Centro de Estudos Avançados de Promoção Social e Ambiental. Santarém, Brasil. 68 p., 2015.

CEAPS. **Prazer em Conhecer Vila Franca - O encontro dos encontros, Projeto Saúde e Alegria.** Centro de Estudos Avançados de Promoção Social e Ambiental. Santarém, Brasil. 16 p., 2012.

DIEGUES, A.C. **A etnoconservação da natureza: enfoques alternativos.** In Diegues, A.C. (org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos.** São Paulo, HUCITEC. 1-46 p., 2000.

DIEGUES, A.C.; ARRUDA, R.S.V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília: MMA; São Paulo: USP, 2001.

DIEGUES, A.C.; PEREIRA, B.E. **Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba. Vol. 22, p. 37-50. 2010.

DIEGUES, A.C.S. O mito do paraíso desabitado nas florestas tropicais brasileiras. In: CASTRO, E.; PINTON, F. (orgs). **Faces do trópico úmido: conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente.** Belém: CEJUP, UFPA-NAEA. 11 p., 1997.

DIEGUES, A.C.S. **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo: Editora HUCITEC, 1994.

DIEGUES, A.C.S. Populações Tradicionais em Unidades de Conservação. In: VIEIRA, P.F.; MAIMON, D. (Org.). **As Ciências Sociais e a Questão Ambiental: Rumo à Interdisciplinaridade.** Belém:

NAEA/UFPA, 121 p.,1993.

DIEGUES, A.C.S. et al. Populações tradicionais e **biodiversidade na Amazônia: levantamento bibliográfico georreferenciado**. In: **CAPOBIANCO, J.P.R. et al. Biodiversidade na Amazônia brasileira: avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios**. São Paulo, Estação Liberdade: Instituto Socioambiental. 543 p., 2001.

FEARNSIDE, P.M. **A floresta Amazônia nas mudanças globais**. Manaus, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), 134 p., 2003.

FRANÇA, S.C. **Comunidade de Fungos Micorrízicos Arbusculares nos manejos convencional e orgânico de citros e suas interações com *Phytophthora* parasítica**. 2004. 106 p. Tese (Doutorado). ESALQ - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.

HOOPEL, D.U.; CHAPIN, F.S.I.; EWEL, J.J.; HECTOR, A.; INCHAUSTI, P. et al., **Effects of biodiversity on ecosystem functioning: a consensus of current knowledge**. Ecological Monographs. Vol. 75, p. 3-35, 2005.

IBGE. Geoestatísticas de Recursos Naturais da Amazônia Legal. Estudos e Pesquisas – Informação Geográfica, Rio de Janeiro, n. 8, 2003.

LAURANCE, W.F.; ALBERNAZ, K.M.; FEARNESIDE, P.M.; VASCONCELOS, H.L. **Deforestation in Amazonia**. Science. Vol. 304, p. 1109-1111, 2004.

LAURANCE, W.L.; ALBERNAZ, A.K.M.; FEARNESIDE, P.M.; VASCONCELOS, LEANDRO VALLE FERREIRA, EDUARDO VENTICINQUE e SAMUEL ALMEIDA. **O desmatamento na Amazônia e a importância das áreas protegidas**. ESTUDOS AVANÇADOS. Vol. 19, n. 53, 2005.

MARQUES, J.G. **Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica**. 2. ed. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, 2001.

MARTÍNEZ-ALIER, J. **O Ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração**. São Paulo, Contexto. 379 p., 2007.

MENDES, E.V. **Estudos de casos**. Nota metodológica. Organização Pan-americana de saúde. Ciclo de debates sobre redes regionalizadas de atenção à saúde: desafio dos SUS. 2009.

MENÉNDEZ, M. **Uma contribuição para a etno-história da área Tapajós-Madeira**. Revista do Museu Paulista. Vol. 28, p. 289-388, 1981.

MMA. **Plano de Manejo Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns**. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, Brasil. 62 p., 2008.

MONTOYA, A.; HERNÁNDEZ-TOTOMOCH, O.; ESTRADA-TORRES, A.; KONG, A.; CABALLERO, J. **Traditional knowledge about mushrooms in a Nahua community in the state of Tlaxcala, México**. Mycologia. Vol. 95, n. 5, p. 793-806, 2003.

MONTOYA-ESQUIVEL, A. **Ethnomycology of Tlaxcala, Mexico**. Mcllvainea. Vol. 13, n. 2, p. 6-12, 1998.

ODALIA-RÍMOLI, A.; ARRUDA, E.J. DE; RÍMOLI, J.; BUENO, N.R.; COSTA, R.B. DA. **Biodiversidade, Biotecnologia e Conservação Genética em Desenvolvimento Local**. Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol. 1, n. 1, p. 21-30, 2000.

OLIVEIRA, N.F.B. **The political significance of non-tribal indigenous youth's talk on identity**,

land, and the forest environment: an Amazonian case study from the Arapiuns River, Brazil. PhD Thesis, Australian National University. Canberra, Australia. 390 p., 2006.

OLIVEIRA, O.M.; HERRERA, R.C.; PARRY, M.M.; OLIVEIRA, G.M.; HERRERA, J.A.; SANTOS, A.P.F. **Espécies botânicas utilizadas no artesanato comercializado na cidade de Altamira-PA.** Biota Amazônia. Vol. 4, p. 1-5. 2014.

OVERALL, W. O peso dos invertebrados na balança de conservação biológica da Amazônia. In: Capobianco, J.P.R.; Veríssimo, A.; Moreira, A.; Sawyer, D. dos Santos, I.; Pinto, L.P. (Editores). **Biodiversidade na Amazônia Brasileira: avaliação e ações prioritárias para a conservação, Uso Sustentável e repartição de benefícios.** Instituto Socioambiental, São Paulo, 50-59 p., 2001.

RAMOS, S.P. **Políticas e Processos Produtivos do Artesanato Brasileiro como Atrativo de um Turismo Cultural.** Revista Rosa dos Ventos. Vol. 5, n. 1, p. 44-59, 2013.

RODRIGUES, M.T. **The conservation of Brazilian reptiles: challenges for a megadiverse country.** Conservation Biology. Vol. 19, p. 659-664, 2005.

SANTOS, A.J. et al. **Produtos não madeireiros: comercialização, classificação, valoração e mercados.** Revista Floresta, Curitiba. Vol. 33, n. 2, p. 215-224, 2003.

SCHNEIDER, R.R.; ARIMA, E.; VERÍSSIMO, A.; BARRETO, P.; SOUZA JÚNIOR, C. **Sustainable Amazon: limitations and opportunities for rural development.** Brasília: World Bank and Imazon, 2002.

SILVA, J.B.; SIMONIAN, L.T.L. **População tradicional, reservas extrativistas e racionalidade estatal na Amazônia brasileira.** Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente. Vol. 33, p. 163-175, 2015.

SILVA, S.C.P.; PEREIRA, C.F.; FRAXE, T.J.P.; WITKOSKI, A.C.; SILVA, M.A.P. A coleta de produtos florestais nas comunidades da área de atuação do PIATAM. In: **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais,** PIATAM, 2007.

VALLE, V.L.J.M. **Sementes florestais utilizadas em artesanato no Rio de Janeiro.** Trabalho de conclusão de curso Monografia (Graduação em Engenharia Florestal) – Curso de Engenharia Florestal, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ. 43 f., 2008.

SOBRE A ORGANIZADORA

GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.

Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.

Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).

Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arte 7, 72, 87, 133, 134

C

Civilização 5, 115, 161

Comunidade 62, 93, 94, 98

Conhecimento 54, 70, 97

Contexto 98

Cultura 2, 5, 8, 18, 24, 26, 54, 70, 72, 101, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 140, 142, 162, 164

D

Democracia 134

Desenvolvimento 55, 70, 90, 97, 98, 99, 128, 164, 196

Diferenciação 2, 5, 24

Discurso 162

E

Escola 98, 122, 125, 126, 128

H

História 2, 3, 12, 13, 16, 17, 26, 30, 34, 39, 41, 42, 54, 70, 71, 72, 88, 115, 141, 151, 160, 161, 175, 176, 193, 194

I

Identidade 25, 127, 130

L

Liberdade 98, 185

M

Memória 71, 72, 79, 117, 151, 164, 194

P

Percepção 141

Política 42, 97, 127, 128, 129, 133, 134

Processo 141

R

Realidade 88

Resistência 2, 5, 24, 154

Revolução 5, 27, 28, 35, 37, 38, 41, 42, 106, 111, 136

S

Social 2, 5, 6, 17, 24, 26, 40, 41, 52, 55, 70, 88, 97, 131

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-524-2



9 788572 475242